

Tragédia na expedição ao Zambeze

texto / text **Maria da Luz P. Dias**

Os restos mortais de Mary Livingstone, mulher do famoso explorador escocês David Livingstone, encontram-se sepultados em Moçambique, em Chupanga, uma pequena povoação na margem sul do rio Zambeze, a meio caminho entre Caia e Marromeu, na província de Sofala. Nesta povoação existe uma missão católica com uma imponente igreja recentemente reabilitada. Junto a ela encontram-se as ruínas do antigo internato dos estudantes e da escola de artes e ofícios, assim como um cemitério. Neste sobressai uma campa com uma laje de ferro vertical onde se lê:

*AQUI REPOUSAO
OS RESTOS MORTAES DE
MARIA MOFFAT
A CARA ESPOSA DE
DOUTOR LIVINGSTONE
EM ESPERANCA,
DA RESSURREICAO E FELICIDADE
PELO NOSSO SALVADOR
JESUS CHRISTUS.
FALLECIDA EM SHUPANGA
27 DIA DE ABRIL 1862
DA IDADE 41 ANNOS*

Uma outra pequena placa acrescenta:

*COM RESPEITO E ADMIRAÇÃO
DOS LIVINGSTONES DE AFRICA*

Para perceber como isto aconteceu, teremos que debruçar-nos um pouco sobre a história de Mary e David Livingstone e sobre a Expedição ao Zambeze (1858-1864). Das três grandes viagens do célebre explorador esta é das menos faladas, provavelmente devido aos trágicos acontecimentos que a caracterizaram.

David Livingstone veio para África em 1840, com 27 anos de idade, tendo-se dedicado até à data da sua morte, em 1873, a explorar vastas regiões até então desconhecidas para os europeus. O trabalho missionário foi a forma que ele encontrou para poder realizar o sonho de conhecer este continente, tendo para isso estudado teologia e medicina. Apesar de a sua morte ter ocorrido bem no interior de África (em Chitambo, na actual Zâmbia) o seu corpo foi embalsamado e transportado por seus fiéis assistentes, Chuma e Susi, ao longo de 1600 km até Bagamoyo, na Tanzânia. Daí os seus restos mortais seguiram de barco até Londres, tendo sido sepultados com toda a pompa na Abadia de Westminster.

MARY



LIVINGSTONE

Tragedy in the Zambezi Expedition

The remains of Mary Livingstone, wife of the famous Scottish explorer David Livingstone, are buried in Mozambique, in Chupanga, a small village on the south bank of the Zambezi River, half way between Caia and Marromeu, in Sofala province.

There is a Catholic mission in this village, with an impressive church that has recently been refurbished. Next to it are the ruins of the former boarding house for students and the arts and crafts school, and a cemetery. Here lies a grave with an upright iron slab, on which is written:

**HERE REPOSE
THE MORTAL REMAINS OF
MARY MOFFAT
THE BELOVED WIFE OF
DOCTOR LIVINGSTONE
IN HUMBLE HOPE OF A
JOYFUL RESURRECTION
BY OUR SAVIOUR JESUS CHRIST.
SHE DIED
IN SHUPANGA HOUSE
ON 27TH APRIL 1862
AGED 41 YEARS**

Another small plaque adds:

**WITH RESPECT AND ADMIRATION
FROM THE LIVINGSTONES OF AFRICA**

To see how all this came about we shall have to look a little more closely at the history of Mary and David Livingstone and the Expedition to the Zambezi (1858-1864). Of the three major expeditions undertaken by the famous explorer, this is the least heard about, probably because of the tragic events that occurred then.

David Livingstone came to Africa in 1840, aged 27, and he dedicated himself to exploring vast regions, hitherto unknown to Europeans, until his death in 1873. He used missionary work to carry out his dream of getting to know this continent, and studied theology and medicine for the purposes. Even though he died in the heart of Africa (in Chitambo, today's Zambia), his body was embalmed and carried for 1600 km by his devoted companions, Chuma and Susi, to Bagamoyo, in Tanzania. From there his body was taken by ship to London where his remains were buried with full ceremony in Westminster Abbey.

Mary remained buried on the continent of her birth. She was the daughter of missionaries Robert and Mary Moffat who had founded the Kuruman mission in the land of the Tswanas in South Africa, in the early 19th century. Mary was born in Griquatown in 1821, in the house that is now a museum bearing her name. She met David, her future husband, when he was working in the Kuruman mission, having been sent there by the London Missionary Society.

After marrying Mary Moffat in January 1845, David always insisted that the family would go with him on his exploration journeys, despite all the hardships and dangers. His spirit of adventure led him to leave Kuruman and establish new missions in places that had never before seen a white man. David and Mary's first home was in the Mabotsa mission, just north

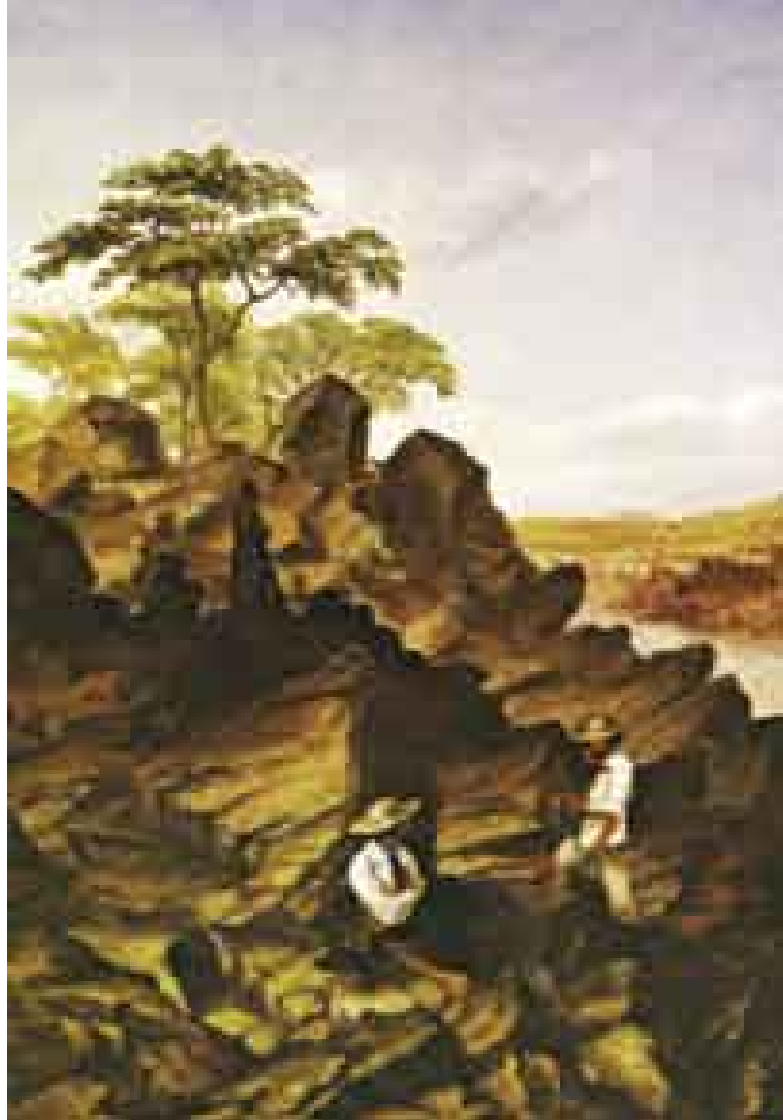


Mary ficou sepultada no continente que a viu nascer. Era filha dos missionários Robert e Mary Moffat que haviam fundado, no início do século XIX, a missão de Kuruman, na terra dos Tswanas, no interior da África do Sul. Mary nasceu em Griquatown, em 1821, numa casa que hoje alberga um museu com o seu nome. Conheceu David, seu futuro marido, quando este foi trabalhar na missão de Kuruman, enviado pela *London Missionary Society*.

Depois de casar com Mary Moffat, em Janeiro de 1845, David insistiu sempre para que a família o acompanhasse nas suas viagens exploratórias, apesar de todas as dificuldades e riscos. O seu espírito aventureiro levou-o a sair de Kuruman e a criar novas missões em territórios nunca antes visitados pelo homem branco. A primeira residência de David e Mary foi na missão de Mabotsa, um pouco a norte de Kuruman. Em 1847 passou para a missão de Kolobeng, ainda mais a norte, no actual Botswana. A partir de Kolobeng, Livingstone realizou algumas expedições para oeste, tendo atravessado parte do deserto de Kalahari e atingido o lago Ngami. Mary sempre o acompanhava, apesar de muitas vezes estar grávida. Durante os primeiros sete anos de casados tiveram cinco filhos, um dos quais faleceu com poucos dias. Por diversas vezes Mary e as crianças passaram por duras privações e estiveram entre a vida e a morte, devido a doenças, fome e sede.

O casal separou-se pela primeira vez em 1852, quando David decidiu enviar a família para a Escócia enquanto procurava um local ainda mais a norte, junto ao rio Zambeze, para estabelecer uma nova missão. Mary e os quatro filhos já nascidos, o mais velho com apenas seis anos, despediram-se de David na cidade do Cabo e embarcaram para Inglaterra. A separação, que inicialmente deveria ser de dois anos, acabou por se prolongar por quatro anos e meio. Foi durante este período que David Livingstone realizou a sua primeira grande viagem, a travessia do continente africano de Luanda a Quelimane (1852-1856). Ao fazer este percurso ele encontrou as majestosas quedas do rio Zambeze, que baptizou de Victoria Falls, em honra da então Rainha de Inglaterra. Sabemos que David sentiu bastante a falta de sua esposa durante este período, como se pode ver através de alguns trechos de suas cartas: *“Eu nunca mostro todos os meus sentimentos, mas posso afirmar com certeza minha querida, que te amava quando contigo casei e que, quanto mais tempo contigo vivi, mais te amei”*.

Quando regressou a Inglaterra, no final de 1856, Livingstone já era um homem famoso devido às suas viagens, durante as quais tinha conhecido novos lugares e povos de diferentes culturas, assim como registado espécies de plantas e animais até então desconhecidas para o mundo ocidental. Era constantemente convidado a apresentar palestras em diversos meios académicos, incluindo na *Royal Geographical Society*. Foi nessa altura que Livingstone decidiu abandonar a *London Missionary Society* – ele dizia que durante os primeiros 15 anos em África nunca tinha conseguido converter uma alma – para se dedicar mais intensamente a explorar novas regiões e a abrir caminho para a expansão britânica em África. Passou a ser funcionário do governo e foi nomeado cônsul britânico em Quelimane. Foi pois com o apoio e financiamento do governo que Livingstone organizou a sua segunda grande viagem, a Expedição ao Zambeze. O objectivo dessa expedição – liderada por Livingstone e incluindo uma equipe de seis homens, um médico e botânico, um geólogo, um fotógrafo, um artista, um engenheiro naval e um comandante da marinha – era verificar a navegabilidade do rio Zambeze, desde a sua foz até a zona do planalto de Bakota, na actual Zâmbia, com o intuito de aí estabelecer missões e fomentar a produção de algodão e açúcar, matérias primas importantes para a indústria inglesa. Segundo a opinião de Livingstone, o desenvolvimento do comércio e agricultura iriam criar rendimentos para as tribos locais e contribuir para a redução do comércio de escravos que ele tanto criticava.



of Kuruman. In 1847 they moved to the mission of Kolobeng, still further north, in what is now Botswana. From there, Livingstone journeyed West and crossed part of the Kalahari desert, reaching Lake Ngami. Mary always accompanied him, even though she was often pregnant. The couple had five children in their first seven years of marriage, one of whom died after just a few days. Quite often Mary and the children suffered desperate privations and existed between life and death, due to illness, hunger and thirst.

The couple separated for the first time in 1852, when David decided to send the family to Scotland while he made his way even further north, close to the Zambezi, to set up a new mission. Mary and her four children (the oldest of whom was only six) took their leave of David in Cape Town and sailed for England. This separation, which had been planned to last for two years, ended up by lasting for four and a half years. It was in this period that David Livingstone undertook his first great journey, crossing the continent from Luanda to Quelimane (1852-1856). Along the way he found the majestic waterfall on the Zambezi, which he named Victoria Falls in honour of the then Queen of England. We know that David missed his wife during this period, as extracts from his letters reveal: *“I never show all my feelings, but I can say truly my dearest that I loved you when I married, and the longer I lived with you, I loved you the better”*.

By the time of his return to England at the end of 1856, Livingstone was already famous, thanks to his travels, during the course of which he had got to know new places and peoples of different cultures. He took notes of plants and animals that the western world had never before seen. He was constantly invited to give lectures in various institutions, including the Royal Geographical Society. It was at this time that he decided to leave the London Missionary Society - he said that he had never converted a single



soul to Christianity in his first 15 years in Africa - to devote himself more to exploring new regions and opening up the way for British expansion in Africa. He became a government official and was appointed British Consul in Quelimane. It was with government sponsorship that Livingstone organized his second great expedition, to the Zambezi. The goal of this Zambezi Expedition, led by Livingstone and including a team of six men (a doctor and botanist, a geologist, a photographer, an artist, a naval engineer and navy captain), was to confirm the navigability of the Zambezi River, from its estuary to the Bakota plateau, in today's Zambia. The intention was to establish missions and encourage the production of cotton and sugar which were important raw materials for England's industry. It was Livingstone's opinion that the development of trade and agriculture would yield income for the local tribes and help to curtail the slave trade of which he was so critical.

Despite the risks inherent to such a long journey, David decided to take his wife, Mary, and the youngest son, Oswell. Talking at a banquet in London before his departure, he justified this decision thus: "(...)My wife, who has always been the main spoke in my wheel, will accompany me in this expedition, and will be most useful to me. She is familiar with the languages of South Africa. She is able to work. She is willing to endure, and she well knows that in that country one must put one's hand to everything".

But fate willed things otherwise. Shortly after the *SS Pearl* left Liverpool in March 1858, with the Zambezi Expedition's members on board, bad weather made many of them, including Mary, extremely sea-sick. But she had another reason for being sick - she was pregnant again! Livingstone thought it would be better for her to disembark on the Cape, to go to Kuruman, where her parents were. Her daughter, Ann Mary, was born here in November 1858. She was the couple's last child. To give some idea of how long transport and communication took in those days, suffice it to say that Livingstone only received the letter telling him of the birth of his daughter a year later (he was on the Zambezi) and only saw his daughter for the first time in 1864, when he returned to England!

After this stopover in the Cape, the *SS Pearl* headed towards the mouth of the Zambezi, arriving there in May 1858. The journey upstream was undertaken in the *Ma Robert*, a small steamship that had been brought, unassembled, from England to take the expedition members along the Zambezi River. Surmounting many difficulties and mishaps, they finally got to Tete. From here they continued upriver until, in December 1858, they came to the Cahora Bassa rapids. All the members of the expedition were hugely disappointed. Livingstone called these rapids "rocks in God's highway", since they completely ruined the plan to use the Zambezi to reach the central plains of Africa. That was when the fearless explorer decided to go up the Chire River and explore Lake Nyassa. This region had the advantage of being outside the Portuguese domain, and it appeared to be a good place to set up new missions. And so, in response to Livingstone's appeal, the first group of missionaries arrived at the mouth of the Zambezi in January 1861, led by Bishop Mackenzie, to establish themselves in the Magomero area (in present-day Malawi).

These changes obviously caused some delays in the Expedition's schedule. Mary, who had stayed in Kuruman to give birth to her child, decided to go back to Scotland to be with her other four children. Such a long separation from her husband resulted in her becoming depressed and caused her, the daughter and wife of a missionary, to question her Christian faith, seeking relief from her solitude in alcohol. Worried about his wife, Livingstone arranged for her to return to Africa earlier than expected, without creating the proper conditions or ensuring quick and easy communications with the coast.

Towards the end of 1861, Livingstone was in Chibisa, on the upper Chire, when he heard that a brig, the *Hetty Hellen*, was due to arrive, with his wife and some other mission ladies on board. He at once began

Apesar dos riscos inerentes a tão longa viagem, David decidiu levar sua esposa Mary, junto com o filho mais novo, Oswell. Ao discursar, num banquete em Londres antes da sua partida, ele justificou esta decisão da seguinte forma: "(...) *A minha mulher, que tem sido sempre uma peça fundamental em todos os meus planos, acompanhar-me-á nesta expedição e será de grande utilidade para mim. Ela conhece as línguas da África do Sul. Ela tem capacidade para trabalhar. Ela está disposta a suportar dificuldades e sabe muito bem que naquela terra é preciso fazer de tudo um pouco*".

Mas o destino foi contra a sua vontade. Pouco depois de o navio *S.S. Pearl* sair de Liverpool, em Março de 1858, levando a bordo os membros da Expedição ao Zambeze, o mau tempo fez com que muitos enjoassem, incluindo Mary. Mas esta tinha mais uma razão para enjoar – estava grávida de novo! Livingstone achou que seria melhor desembarcá-la no Cabo, para que seguisse para Kuruman onde estavam seus pais. Aqui, ela deu à luz Ann Mary, a última filha do casal, em Novembro de 1858. Para se ter uma ideia de como os transportes e comunicações eram demorados na altura, Livingstone só recebeu a carta comunicando o nascimento da filha um ano depois, estava ele no Zambeze, e só a viu pela primeira vez em 1864, quando regressou a Inglaterra!

Depois dessa paragem no Cabo, o *S.S. Pearl* continuou em direcção à foz do Zambeze, onde chegou em Maio de 1858. A subida do rio foi feita no *Ma Robert*, um pequeno vapor que veio desmontado de Inglaterra para transportar os membros da expedição ao longo do rio Zambeze. Depois de várias dificuldades e peripécias, chegaram finalmente a Tete. A partir daqui, continuaram subindo o rio até que, em Dezembro de 1858, depararam com os rápidos de Cahora Bassa. A decepção foi grande para todos os membros da expedição. Livingstone chamou a estes rápidos, as

“rochas na auto-estrada de Deus”, pois eles deitaram por terra o plano de utilizar o rio Zambeze como via de acesso até aos planaltos centrais de África. Foi então que o destemido explorador resolveu subir o rio Chire e explorar o Lago Niassa. Esta região tinha a vantagem de estar fora do domínio dos portugueses e parecia adequada para o estabelecimento de missões. Assim, respondendo ao apelo de Livingstone, o primeiro grupo de missionários, chefiado pelo Bispo Mackenzie, chegou em Janeiro de 1861 à foz do Zambeze, para se fixar na região de Magomero (no actual Malawi).

Como é natural, estas alterações provocaram alguns atrasos ao programa da Expedição. Mary, que tinha ficado em Kuruman para ter a criança, resolveu então regressar à Escócia para estar junto dos seus outros filhos. Tão longa separação do marido levou a que entrasse em depressão, chegando ela, filha e esposa de missionário, a pôr em causa a sua fé cristã e a recorrer demasiado ao álcool para aliviar a solidão. Preocupado com a situação da mulher, Livingstone acabou por autorizar o seu regresso a África mais cedo do que seria de esperar, sem estarem criadas as condições necessárias e sem estar ainda garantida uma comunicação fácil e rápida com a costa.

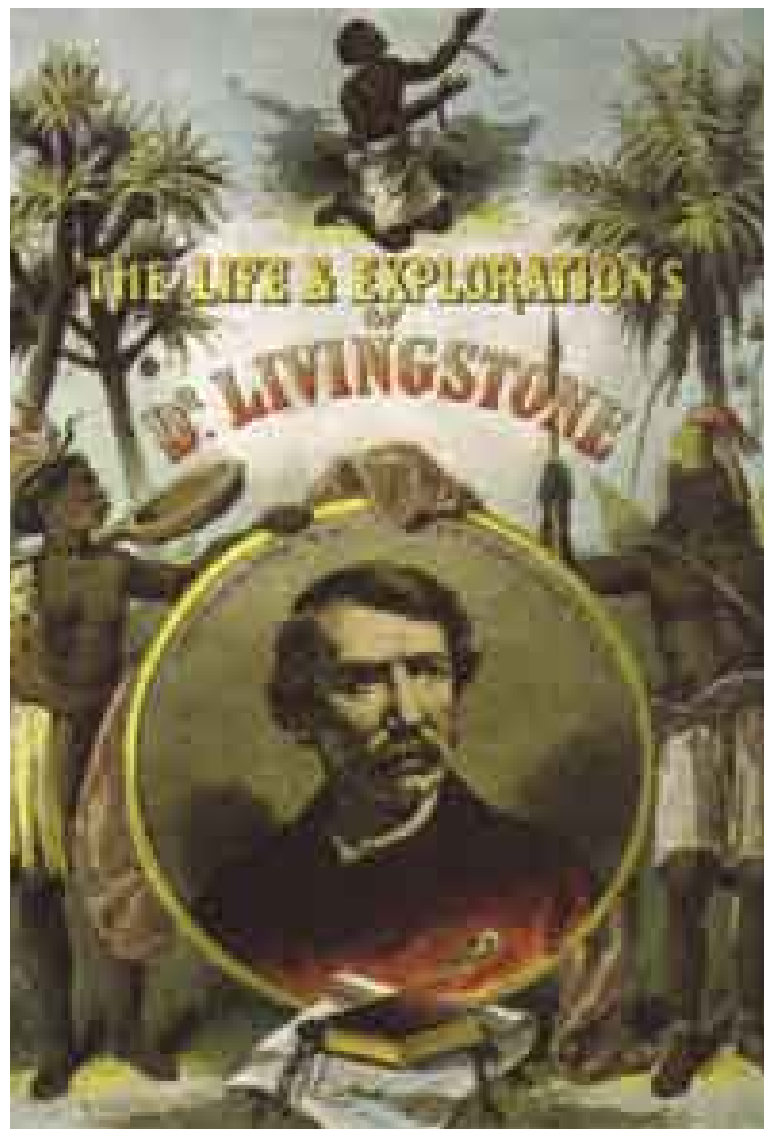
Em finais de 1861, Livingstone encontrava-se na Chibisa, no alto Chire, quando recebeu a notícia de que estava para chegar o brigue *Hetty Hellen* trazendo a sua esposa e mais algumas senhoras e missionários a bordo. Imediatamente, ele começou a descer o Chire a bordo do *Pioneer* (pequeno vapor que substituiu o *Ma Robert*). Porém, apesar de ser Dezembro, as águas ainda estavam baixas e o vapor ficou encalhado durante 5 semanas. Deste modo, quando o *Pioneer* chegou à foz do Zambeze a 23 de Janeiro de 1862, já o brigue *Hetty Hellen* tinha ali passado duas semanas antes. Como não encontrassem ninguém, o brigue seguiu para a ilha de Moçambique. Passados uns dias, o brigue voltou de novo à foz do Zambeze e, desta vez, finalmente, avistou o *Pioneer* que já lá estava aguardando. Mesmo assim, só no dia seguinte, 1 de Fevereiro de 1862, os barcos conseguiram aproximar-se, pois não era fácil fazer manobras nas águas tumultuosas do delta do Zambeze.

Passada a alegria dos primeiros momentos, Livingstone deve ter-se assustado ao ver a grande quantidade de carga e pessoas que seria preciso transportar pelo Zambeze e Chire acima. Eram cinco senhoras – Mary Livingstone, Miss Mackenzie (irmã do Bispo), Mrs. Burrup (esposa de outro missionário) e duas criadas – e mais alguns missionários. A bagagem era imensa, incluindo uma carroça, duas mulas, um burro e, o mais pesado de tudo, as partes desmontadas do *Lady Niassa*, uma embarcação que Livingstone tinha encomendado especialmente para navegar naquele lago.

O brigue foi levado para lugar seguro dentro da barra, para se fazer o transbordo para o *Pioneer*. Viu-se então que era impossível carregar tudo de uma só vez até ao alto Chire e que o melhor seria transportar o material até Chupanga, onde o *Lady Niassa* podia ser montado e colocado na água.

Chupanga era na altura um pequeno posto comercial, a cerca de 80 milhas (130 km) da costa, onde existia apenas um edifício de pedra – uma casa comprida e baixa, sem divisões e sem mobiliário. Livingstone tinha estado pela primeira vez em Chupanga em 1856, durante a viagem de Luanda a Quelimane. Ao longo de toda a Expedição ao Zambeze (1858-1864) Chupanga foi um ponto de paragem frequente, fosse para descanso, abastecimento ou corte de lenha, muito utilizado pelos membros da expedição.

Enquanto o *Pioneer* procedia lentamente ao transporte da carga até Chupanga, lutando contra a forte corrente, o Bispo Mackenzie e o missionário Burrup – que tinham ficado no alto Chire – estavam ansiosos por se encontrarem, respectivamente, com a irmã e a esposa. Assim, resolveram



to descend the Chire on the *Pioneer* (a small steamship replacing the *Ma Robert*). But even though it was December, the waters were still low, and the steamship was stranded for 5 weeks. And so when the *Pioneer* finally made it to the mouth of the Zambezi on January 23 1862, the *Hetty Hellen* had already been there two weeks earlier. As they did not find anyone, the brig sailed to the Ilha de Mozambique. A few days later it returned to the mouth of the Zambezi, and this time they finally caught sight of the *Pioneer*, which was already waiting there for them. Even so, it was only the next day, February 1st, 1862, that the vessels were able to get close, since it was not easy to manoeuvre in the heaving waters of the Zambezi delta.

Once the joy of meeting again had subsided, Livingstone must have been horrified by the huge amount of cargo and people that would have to be transported up the Zambezi and Chire rivers. There were five women – Mary Livingstone, Miss Mackenzie (sister of the Bishop), Mrs Burrup (wife of another missionary) and two maids – and some other missionaries. There was a huge amount of baggage, including a wagon, two mules, a donkey and, heaviest of all, the unassembled parts of *Lady Nyassa*, a boat that Livingstone had ordered specially to use on that lake.

The brig was taken to a safe berth in the harbour for transshipment to the *Pioneer*. He then saw it would be impossible to load everything in one go for the journey to the upper Chire, and it would be best to take the cargo to Chupanga, where *Lady Nyassa* could be assembled and launched.

At that time, Chupanga was a small trading post about 80 miles (130 km)

PUB



descer o Chire numa canoa, mas esta virou-se e perderam todos os mantimentos e medicamentos que traziam. Foram obrigados a permanecer numa pequena ilha, onde o bispo acabou por falecer com malária a 31 de Janeiro. O missionário Burrup, também doente, conseguiu regressar a Magomero, mas também veio a falecer alguns dias depois.

Por sua vez, Miss Mackenzie e Mrs. Burrup, igualmente ansiosas, mas sem saberem que os seus familiares já tinham falecido, pediram a alguns membros da expedição que as levassem num pequeno barco até ao Chire. Ao chegarem à Chibisa, no princípio de Março, ficaram a par das tristes notícias e acabaram por regressar à foz do Zambeze, de onde partiram no brigue *Hetty Hellen* de volta para o Cabo.

Os quase três meses de permanência forçada no delta do Zambeze, em viagens constantes entre a foz e Chupanga, transportando todo o equipamento, foram os piores da expedição. A zona do delta era infestada de mosquitos e propensa a doenças, de tal forma que Livingstone a chamava de “cemitério do homem branco”. Durante este período, Mary esteve quase sempre bem de saúde, sofrendo apenas de algumas febres passageiras. Porém, a 21 de Abril, ela adoeceu gravemente e deixou de reagir aos medicamentos. Livingstone e Kirk – os dois médicos da expedição – resolveram retirá-la do *Pioneer* para a única casa existente em Chupanga onde, apesar da falta de conforto, ela teria mais espaço e sossego do que a bordo.

Mary foi colocada numa cama improvisada, feita com três caixas de chá e um colchão em cima. O seu estado de fraqueza era tal que já não conseguia tomar os remédios. Kirk refere também que o seu estado de espírito não ajudava, pois tinham chegado aos seus ouvidos (e aos do seu marido) mexericos sobre um possível envolvimento seu com o reverendo James Stewart, um outro missionário que viera também a bordo do brigue *Hetty Hellen*. Segundo Kirk, os boatos tinham-se espalhado devido à língua afiada de Miss

from the coast, where there was just one stone building - a long, low house, without separate rooms and having no furniture.

Livingstone had been in Chupanga for the first time in 1856, on the journey from Luanda to Quelimane. Throughout the Zambezi expedition (1858-1864) Chupanga was a frequent stopping place, for rest, supplies or to cut wood, which was used a lot by the expedition members.

While the *Pioneer* steamed slowly against a strong current, taking the cargo to Chupanga, Bishop Mackenzie and missionary Burrup - who had stayed on the upper Chire - were anxious to meet, respectively, their sister and wife. They therefore decided to descend the Chire by canoe, but it capsized and all their provisions and medical supplies were lost. They had to stay on a small island, where the Bishop died from malaria on the January 31st. Missionary Burrup, also ill, managed to get back to Magomero, where he died some days later.

Meanwhile, Miss Mackenzie and Mrs Burrup, also worried but not aware that their relatives had died, asked some members of the expedition to take them to Chire in a small boat. When they reached Chibisa in early March, they were greeted with the sad news, and so returned to the mouth of the Zambezi, where they boarded the *Hetty Hellen* again and sailed for the Cape.

The nearly three months enforced stay in the Zambezi delta, travelling constantly between the estuary and Chupanga with all the equipment, were the very worst of the entire expedition. The delta was infested with mosquitoes and rife with disease, so that Livingstone called it the “white man’s grave”.

All this time, Mary was nearly always in good health, suffering only fleeting bouts of fever. But on April 21st she became extremely ill and stopped responding to the medicines. Livingstone and Kirk, the expedition’s two

PUB

Mackenzie, a velha irmã do bispo. Stewart e Mary já se conheciam desde a Inglaterra, tendo Stewart ajudado Mary durante a crise que ela atravessou quando esteve separada do marido. Mas, como o próprio Kirk referiu mais tarde, estes boatos não tinham fundamento.

No dia 27 de Abril de 1862, cerca das 6 horas da tarde, Livingstone apercebeu-se de que sua mulher estava perto do fim. Mandou chamar o reverendo James Stewart, que estava a bordo do *Pioneer*, para que este viesse encomendar a sua alma a Deus. Ele veio de imediato e conta que Livingstone chorava que nem uma criança. Os três ajoelharam-se junto à moribunda e rezaram. As últimas palavras que Livingstone disse para sua esposa foram: “*minha querida, minha querida, estás prestes a deixar-me... Será que estás com Jesus?*” Ele estava extremamente preocupado em saber se a sua mulher se tinha reconciliado com Deus. Mary, que já não podia falar, levantou os olhos para cima, e David interpretou este sinal como uma afirmativa. Por volta das 7 horas, Mary deu o último suspiro.

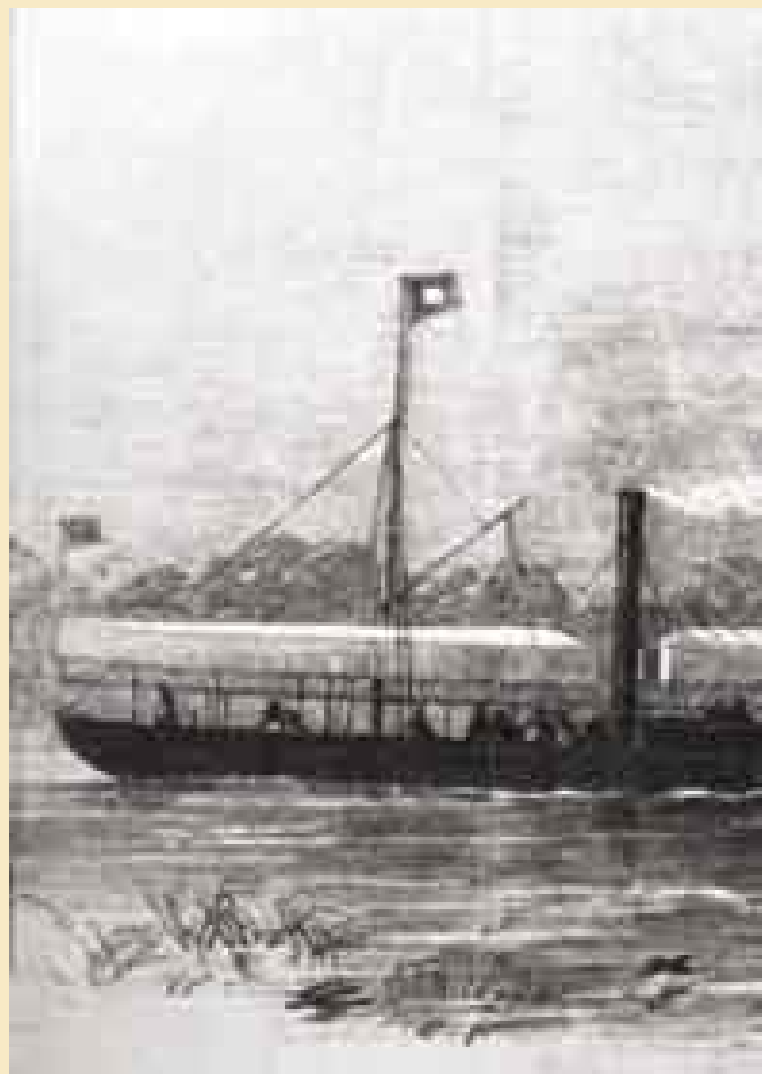
Foi enterrada no dia seguinte, ao meio-dia, à sombra de um grande embondeiro que se encontrava perto da casa, e onde já existia uma outra campa de um oficial da marinha real britânica, falecido em 1826.

A morte da mulher provocou um forte abalo em Livingstone, como o mostram algumas das entradas no seu diário. A 11 de Maio de 1862, em Kongone (na foz do Zambeze) ele escreveu: “*Faz hoje duas semanas que a minha querida, querida Mary se encontra no paraíso... Pela primeira vez na minha vida, sinto vontade de morrer*”.

Após este grande choque, Livingstone buscou no trabalho o seu principal consolo. A primeira tarefa foi terminar a montagem do *Lady Niassa* e colocá-lo na água, o que veio a acontecer no dia 23 de Junho de 1862. Veio gente de todo o lado para ver o lançamento, pois não acreditavam que um barco de ferro tão pesado pudesse flutuar. Mas o barco teve que permanecer ancorado em Chupanga até Janeiro de 1863, por não haver água suficiente para ele navegar. Neste entretanto, Livingstone fez uma segunda exploração ao Rovuma, para verificar se este rio teria ligação com o Lago Niassa, o que seria bastante conveniente, pois assim evitar-se-ia ter de atravessar território português para alcançar as terras altas do interior.

Mas as desgraças foram-se sucedendo umas às outras e a expedição não durou muito mais tempo. Neste ano de 1863, a situação no vale do Zambeze e nas terras altas do Chire e Niassa era caótica: o comércio de escravos aumentava cada vez mais e a instabilidade era grande devido às lutas tribais entre Maganjas e Ajawas e à guerra entre os portugueses e os prazeiros rebeldes. Acima de tudo isso surgiu uma grande seca e fome, que dizimou muita gente. Os missionários que tinham sobrevivido acabaram por abandonar a região. Houve desentendimentos entre os membros da expedição – Livingstone como líder era um fracasso, ele entendia-se melhor com os africanos do que com os seus compatriotas que, embora reconhecendo a sua enorme coragem, queixavam-se bastante da sua dureza e exigência. Os últimos membros da expedição partiram finalmente da foz do Zambeze em Janeiro de 1864. Livingstone, porém, não permaneceu muito tempo longe de África. Em 1866 regressou de novo à foz do Rovuma, desta vez para iniciar a sua última grande viagem - à procura da nascente do rio Nilo.

Com o passar dos anos, as campas foram crescendo em redor do embondeiro de Chupanga. Em 1896 chegaram os primeiros missionários católicos que, como é natural, reservaram esta área para cemitério, tendo construído mais tarde um muro em seu redor. Infelizmente, o embondeiro já não existe – secou e ardeu há alguns anos – mas a beleza do local continua presente, avistando-se dali as águas do rio Zambeze e a vegetação luxuriante das suas margens. ■



MA ROBERT

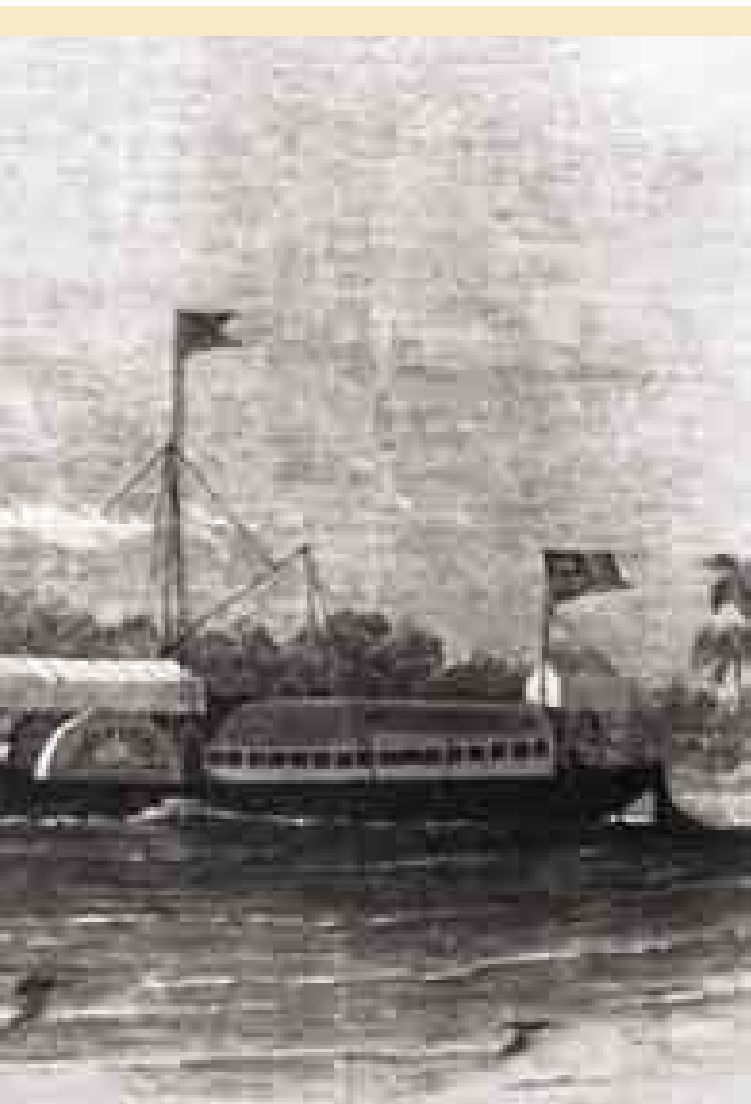
O *Ma Robert* foi o primeiro barco a vapor movido a roda de pás a navegar no rio Zambeze. Ele veio desmontado de Inglaterra e chegou ao delta em Maio de 1858 para servir de transporte aos membros da Expedição ao Zambeze, chefiada pelo Dr. David Livingstone.

Ma Robert era o nome africano de Mary Livingstone – por ser mãe de Robert, seu filho primogénito.

O barco tinha 80 pés de comprimento (cerca de 25 metros) e consumia muita lenha. Era necessário um dia e meio a cortar madeira para que ele pudesse navegar durante 24 horas. As suas chaminés, muitas vezes entupidas, valeram-lhe também a alcunha de “Velho Asmático”.

O *Ma Robert* esteve ao serviço da Expedição ao Zambeze durante dois anos e meio. Em Dezembro de 1860, afundou-se entre Sena e Chupanga, precisamente quando Livingstone vinha a caminho da foz em busca do novo vapor que tinha encomendado para o substituir, o *Pioneer*, também movido a roda de pás.





MA ROBERT

Ma Robert was the first paddle steamer to navigate the Zambezi River. It arrived unassembled from England and reached the delta in May 1858 to serve as the means of transport for the Zambezi Expedition members, led by Dr. David Livingstone.

Ma Robert was the African name of Mary Livingstone – because she was the mother of Robert, her first son.

The boat was 80 feet (about 25 metres) long, and used a lot of firewood. It took a day and a half to cut enough wood for 24 hours sailing. Its funnels,



often blocked, were also given the nickname of “Old Asthmatic”.

The *Ma Robert* was in the service of the Zambezi Expedition for two and a half years. It eventually sank in December 1860, between Sena and Chupanga, just as Livingstone was on his way to fetch a new boat that he had ordered to replace, the *Pioneer*. This was also a paddle steamer.

doctors, decided to take her from the *Pioneer* to the only house in Chupanga where, even though it was less comfortable, she would have more space and quietness than on board ship.

Mary was placed on a makeshift bed made from three tea-chests with a mattress on top. She was so weak that she could not take the medicines. Kirk also mentions that her state of mind did not help, since some gossip had come to her ears (and to her husband's) of her possible involvement with the Reverend James Stewart, another missionary who had been on board the brig *Hetty Hellen*. According to Kirk, the rumours had been spread by the sharp tongue of Miss Mackenzie, the Bishop's older sister. Stewart and Mary had known one another since England, with Stewart helping Mary during the crisis she had suffered when separated from her husband. But, as Kirk says later, these rumours were completely unfounded.

On 27 April 1862, Livingstone saw that his wife was near the end. He sent for the Reverend James Stewart, who was aboard the *Pioneer*, so that he could commit her soul to God. He came at once, and notes that Livingstone was crying like a child. The three of them knelt beside the dying woman and prayed. The last words Livingstone spoke to his wife were: “*My dearie, my dearie, you are going to leave me... Are you resting on Jesus?*” He was extremely worried that his wife had been reconciled with God. Mary, who could no longer speak, turned her eyes upward, and David took this sign as an affirmative. At about 7 o'clock Mary drew her last breath.

She was buried the next day, at midday, in the shade of a large baobab tree, close by the house. There had been another grave there, of a British navy officer who died in 1826.

His wife's death was a severe blow to Livingstone, as some of the entries in his diary show. On May 11 1862, in Kongone (on the Zambezi estuary) he wrote: “*My dear, dear Mary has been this evening a fortnight in heaven... For the first time in my life I feel willing to die.*”

After this awful shock, Livingstone sought consolation in work. The first task was to finish assembling the *Lady Nyassa* and set her on the water. This happened on 23 June 1862. People came from far and near to see the launch, because they did not believe that such a heavy iron ship could possibly float. But the boat remained at anchor in Chupanga until January 1863, as there was not enough water for her to sail. In the meantime, Livingstone made a second expedition up the Rovuma, to see if this river was linked to Lake Nyassa - which would have been very convenient as he could have avoided crossing Portuguese territory to reach the high lands of the interior.

But he was beset by one misadventure after another, and the expedition did not last long. In 1863, the situation in the Zambezi valley and the plateau of the Chire and Nyassa was chaotic: the slave trade was increasing daily, and there was considerable instability on account of the tribal conflicts between the Maganjas and Ajawas, and the war between the Portuguese and rebel *prazeiros* [Portuguese settlers]. Above all, the region was afflicted by a great drought and famine, which decimated the population. The missionaries who survived ended up by abandoning the region. There were arguments among the expedition's members - as a leader, Livingstone had a serious weakness: he got on better with the Africans than he did with his compatriots. Although the latter recognized his enormous courage, they complained bitterly about his harshness and the demands he made of them. The last members of the expedition finally left the Zambezi estuary in January 1864. But Livingstone did not stay away from Africa for long. In 1866 he went back to the mouth of the Rovuma, this time to start his last great journey, in search of the source of the Nile.

As the years passed, the gravestones multiplied around the Chupanga baobab tree. In 1896 the first Catholic missionaries arrived and naturally earmarked this area as a cemetery, later building a wall around it. Unfortunately, the baobab is no longer there - it dried up and burned some years ago - but the beauty of the place lives on. You can see the waters of the Zambezi and the luxuriant vegetation on its banks from this spot. ■